

NATALIE ESTÁ ENROLANDO o mesmo cacho de cabelo há dez minutos, e isso está começando a me deixar louca. Eu balanço a cabeça e aproximo meu *latte* gelado, colocando estrategicamente os lábios no canudinho. Natalie está sentada à minha frente com os cotovelos apoiados na mesinha redonda, segurando o queixo com uma das mãos.

— Ele é lindo — afirma Nat, olhando para o sujeito que acabou de entrar na fila. — Sério, Cam, quer fazer o favor de *olhar* pra ele?

Eu reviro os olhos e tomo mais um gole.

— Nat — respondo, apoiando a bebida na mesa —, você tem namorado. Eu preciso mesmo ficar sempre te lembrando?

Natalie faz uma careta bem-humorada de desdém.

— Não sabia que você era minha mãe! — Mas Nat não consegue ficar muito tempo prestando atenção em mim, não enquanto aquele poço de sensualidade ambulante está de pé diante da caixa, pedindo café e bolinhos. — E Damon nem liga se eu olhar, desde que eu fique de quatro pra *ele* toda noite.

Eu bufo e fico vermelha.

— Viu? *U-hu* — ela diz, abrindo um sorrisão. — Consegui te fazer rir. — Nat estende a mão para a sua bolsinha violeta. — Preciso fazer uma anotação — continua, pegando o celular e abrindo o diário digital. — Sábado. 15 de junho. — Ela corre o dedo pela tela. — 13h54: Camryn Bennett riu de uma das minhas piadinhas sexuais. — Depois ela enfia de novo o celular na bolsa e me olha com aquela expressão pensativa que sempre faz quando está para entrar no modo psicanalista. — Dá só uma olhadinha — insiste, sem brincar.

Só para ela sossegar, viro o queixo um pouco de lado para olhar rapidamente o sujeito. Ele se afasta da caixa e vai para a ponta do balcão, onde pega sua bebida. Alto. Maçãs do rosto perfeitamente esculpidas. Olhos verdes cativantes de modelo e cabelo castanho espetado.

— Tá — admito, voltando a olhar para Natalie —, ele é gato, mas e daí?

Natalie precisa admirá-lo enquanto ele sai pela porta dupla de vidro e passa em frente às vidraças antes de conseguir olhar para mim de novo e responder.

— Meu. Deus. Do céu! — ela exclama, de olhos arregalados e incrédulos.

— É só um cara, Nat. — Eu coloco os lábios no canudinho de novo. — Você devia andar com “obcecada” escrito na testa. Pra ser completamente obcecada, você só falta babar.

— Tá *brincando* comigo? — Sua expressão se transformou em puro choque. — Camryn, você tem um problema sério. Sabe disso, não sabe? — Ela se encosta na cadeira. — Precisa aumentar a dose do teu remédio. É sério.

— Parei de tomar em abril.

— Quê? *Por quê?*

— Porque é ridículo — retruco com decisão. — Não tenho impulsos suicidas, então não tenho nenhum motivo pra continuar tomando aquilo.

Ela balança a cabeça e cruza os braços sobre o peito.

— Você acha que eles receitam esse negócio só pra quem tem impulsos suicidas? Não. Não é bem assim. — Ela aponta para mim rapidamente e volta a cruzar os braços. — É um lance de desequilíbrio químico, alguma porra dessas.

Eu abro um sorrisinho.

— Ah, é? Desde quando você entende tanto de saúde mental e dos remédios usados pra tratar as centenas de transtornos? — Ergo as sobrancelhas só um pouco, o bastante para mostrar o quanto sei que ela não faz ideia do que está dizendo.

Quando Nat franze o nariz para mim em vez de responder, eu continuo:

— Vou me curar no meu ritmo, e não preciso de um comprimido pra consertar as coisas. — Minha explicação começou delicada, mas inesperadamente ficou amarga antes que eu conseguisse acabar de dizer a última frase. Isso acontece muito.

Natalie suspira, e o sorriso desaparece completamente de seu rosto.

— Desculpa — digo, com remorso pela resposta atravessada. — Olha, eu sei que você tá certa. Não posso negar que tenho uns problemas emocionais bem complicados e que às vezes sou meio grossa...

— *Às vezes?* — Ela resmunga, mas está sorrindo de novo e já me perdoou. Isso também acontece muito.

Abro um meio sorriso também.

— Só quero encontrar as respostas por conta própria, sabe?

— Encontrar *que* respostas? — Nat está chateada comigo. — Cam — diz ela, inclinando a cabeça para o lado para parecer pensativa. — Detesto te dizer isso, mas na vida as merdas acontecem mesmo. Você precisa superar. Derrotar isso fazendo coisas que te deixam feliz.

Tudo bem, talvez ela não seja tão péssima terapeuta, no fim das contas.

— Eu sei, você tem razão — admito —, mas...

Natalie ergue uma sobrancelha, esperando.

— O quê? Desembucha, vai!

Dou uma olhada rápida para a parede, pensando a respeito. É tão comum eu ficar pensando na vida, ponderando cada aspecto possível dela. Quero saber que diabos estou fazendo aqui. Até agora mesmo. Neste café, com esta garota que conheço praticamente desde que nasci. Ontem me perguntei por que eu sentia necessidade de me levantar exatamente na mesma hora do dia anterior e fazer tudo como fiz no dia anterior. Por quê? O que motiva qualquer um de nós a fazer as coisas que fazemos, quando no fundo uma parte da gente só quer se libertar de tudo?

Desvio o olhar da parede para a minha melhor amiga, que sei que não vai entender o que vou dizer mas, como preciso botar isso para fora, digo da mesma forma.

— Você já imaginou como seria viajar pelo mundo com uma mochila nas costas?

Natalie fica sem expressão.

— Há, acho que não — foi a resposta. — Deve ser... um saco.

— Bom, pensa nisso um momento — insisto, me apoiando na mesa e concentrando toda a atenção nela. — Só você e uma mochila com o indispensável. Nada de contas pra pagar. Nada de acordar na mesma hora todo dia pra ir pra um emprego que você detesta. Só você e o mundo à sua frente. Sem nunca saber o que o dia seguinte vai trazer, quem você vai conhecer, o que vai comer no almoço ou onde vai dormir. — Percebo que me perdi tanto nessas imagens que eu mesma devo ter parecido um pouco obcecada por um segundo.

— Você tá começando a me assustar — Natalie desconversa, me olhando do outro lado da mesinha com cara de incerteza. Sua sobrancelha erguida volta a se alinhar com a outra e ela diz: — E também tem que andar pra caramba, tem o risco de ser estuprada, morta e desovada numa estrada qualquer. Ah, e também tem que andar pra caramba...

Ela claramente acha que estou à beira da loucura.

— Enfim, de onde saiu isso? — Nat pergunta, tomando um gole rápido de sua bebida. — Parece algum tipo de crise de meia-idade, e você só tem 20 anos. — Ela aponta novamente, como que para salientar: — E nunca pagou uma conta na vida.

Nat toma mais um gole; segue-se um barulho desagradável de aspiração.

— Posso não ter pago — digo baixinho para mim mesma —, mas *you* pagar quando for morar com você.

— Pode crer que vai — concorda Nat, tamborilando em seu copo. — Tudo rachado ao meio... peraí, você não está pensando em dar pra trás, está? — Ela fica imóvel, me olhando com desconfiança.

— Não, o trato continua de pé. Semana que vem, eu saio da casa da minha mãe e vou morar com uma vadia.

— Sua vaca! — Ela ri.

Dou um sorrisinho e volto a ruminar as coisas de antes que ela não entendeu, mas eu já esperava isso. Mesmo antes que Ian morresse, sempre tive ideias meio não convencionais. Em vez de ficar o tempo todo imaginando novas posições sexuais, como Natalie muitas vezes faz com Damon, o cara que ela está namorando há cinco anos, eu prefiro pensar em coisas que realmente importam. Ao menos no meu mundo, elas importam. Como é sentir o ar de outros países na minha pele, qual é o cheiro do oceano, por que o barulho da chuva me faz suspirar. “*Você é muito cabeça*”, foi isso que Damon me disse em mais de uma ocasião.

— Ai, nossa! — Natalie diz. — Você é muito deprê, sabia? — Ela balança a cabeça com o canudo entre os lábios. — Vem! — exclama de repente, se levantando. — Não aguento mais esses lances filosóficos, e acho que lugares estranhos que nem este te deixam ainda pior. Hoje à noite a gente vai pro Underground.

— Quê? Não, eu não vou naquele lugar.

— Você. Vai. Sim. — Ela joga o copo vazio na lata de lixo a um metro de distância e me segura pelo pulso. — Vai comigo desta vez porque, até onde eu sei, você é minha melhor amiga e eu não vou aceitar não *de novo* como resposta. — Seu sorriso de lábios cerrados se espalha por todo o seu rosto levemente bronzeado.

Sei que Nat está falando sério. Ela sempre fala sério quando me olha com essa cara: cheia de empolgação e determinação. Provavelmente vai ser mais fácil ir com ela esta noite e dar um fim nisso, senão ela nunca mais vai me deixar em paz. São ossos do ofício para quem tem uma melhor amiga mandona.

Eu me levanto e jogo a bolsa sobre o ombro.

— São só duas da tarde — digo.

Tomo o resto do meu *latte* e jogo o copo vazio na mesma lata de lixo que ela.

— Sim, mas antes a gente precisa comprar um modelito novo pra você.

— Há, não — retruco decidida enquanto ela sai comigo pelas portas de vidro para o ar fresco do verão. — Eu já tô indo pro Underground com você, já

tô pagando meus pecados. Me recuso a sair pra fazer compras. Já tenho muita roupa.

Natalie me dá o braço enquanto andamos pela calçada, passando por uma longa fila de parquímetros. Ela sorri e olha para mim.

— Tudo bem. Então me deixa pelo menos te vestir com alguma coisa do *meu* closet.

— E qual o problema com as minhas roupas?

Ela estufa os lábios para mim e estica o queixo, como se estivesse debatendo em silêncio por que preciso fazer uma pergunta tão ridícula.

— É o *Underground* — é o que ela diz, como se não houvesse resposta mais óbvia.

Tudo bem, até que Nat tem razão. Nós duas somos grandes amigas, mas no nosso caso, é aquele lance dos opostos que se atraem. Ela é uma roqueira que está apaixonada por Jared Leto desde *Clube da Luta*. Eu sou mais uma garota sossegada que raramente usa roupa escura, a menos que seja para um velório. Não que Natalie só use preto e tenha um penteado emo, mas ela jamais sairia em público vestindo alguma coisa do *meu* guarda-roupa porque, segundo ela, é tudo normal demais. Eu discordo. Sei como me vestir, e os meninos nunca reclamavam das roupas que eu escolhia, pelo menos na época em que eu ainda prestava atenção nos olhares que eles davam pra minha bunda quando eu usava meu jeans favorito.

Mas o *Underground* foi feito para gente como Natalie, portanto, acho que vou ter que suportar me vestir como ela por uma noite, só para me enturmar. Não sou maria vai com as outras. Nunca fui. Mas com certeza topo me tornar alguém que não sou por algumas horas se isso vai ajudar a me misturar, em vez de parecer a esquisita e chamar a atenção.

---

O quarto de Natalie é totalmente o oposto do quarto de alguém que tem TOC. É mais uma das enormes diferenças entre nós duas. Eu organizo minhas roupas pela cor. Ela deixa as dela no cesto perto do pé da cama por semanas, antes de jogar todas de volta na roupa suja para serem lavadas de novo porque estão amassadas. Eu tiro o pó do meu quarto todo dia. Acho que ela nunca

tirou o pó do dela, a não ser que você chame “raspar quatro dedos de poeira do teclado do laptop” de limpeza.

— Esta aqui vai ficar perfeita em você — decide Natalie, segurando uma camiseta branca e fina estampada com o nome *Scars on Broadway*. — Fica colada ao corpo, e os seus peitos são perfeitos. — Ela põe a camiseta sobre o meu peito e examina como fiquei.

Rosno para ela, insatisfeita com a primeira escolha.

Ela revira os olhos e seus ombros afundam.

— Tudo bem — desiste, jogando a camiseta sobre a cama. Ela corre a mão pelo cabideiro e puxa outra, mostrando-a com um sorrisão que é também uma de suas táticas de manipulação. Sorrisões cheios de dentes me deixam com menos vontade de lhe dizer não.

— Que tal alguma coisa que não tenha o nome de uma banda qualquer escrito na frente? — digo.

— É *Brandon Boyd* — Nat exclama, arregalando os olhos. — Como pode não gostar de Brandon Boyd?

— Ele é legal — respondo. — Só não quero exibir uma propaganda dele no meu peito.

— Eu queria era ter *ele mesmo* no meu peito — comenta Nat, admirando o top aderente com gola em V, praticamente igual ao primeiro que ela tentou me mostrar.

— Usa *você*, então, ué.

Ela me olha de lado, balançando a cabeça como se estivesse considerando a ideia.

— Acho que vou usar mesmo. — Ela tira o top que já está usando e o joga no cesto de roupas perto do closet, vestindo em seguida o rosto de Brandon Boyd sobre os peitões.

— Ficou legal em você — elogio, observando-a enquanto ela se ajeita e admira o que vê no espelho por vários ângulos.

— Ficou mesmo — Nat concorda.

— O que Jared Leto vai achar disso? — brinco.

Natalie dá uma risadinha, joga o cabelão escuro para trás e pega a escova.

— Ele sempre vai ser meu número um.

— E Damon, sabe, aquele seu namorado nada imaginário?

— Para com isso — ela reclama, me olhando pelo espelho. — Se continuar me pentelhando com Damon desse jeito... — Ela para com a escova na mão e vira o corpo para me encarar. — Você por acaso tá a fim do Damon?

Viro a cabeça e sinto meu cenho se franzir com força.

— Claro que não, Nat! Que besteira é essa?

Natalie ri e volta a escovar o cabelo.

— Vamos achar alguém pra você hoje. É disso que você precisa. Vai resolver tudo.

Meu silêncio revela imediatamente que ela foi longe demais. Detesto quando Natalie faz isso. Por que todo mundo precisa estar com alguém? É uma ilusão idiota e um jeito de pensar bem patético.

Ela coloca a escova de volta na penteadeira e se vira completamente, deixando o ar de brincadeira desaparecer do rosto e suspirando profundamente.

— Sei que eu não devia dizer essas coisas... Olha, prometo que não vou ficar dando uma de Cupido, tá? — Ela levanta as duas mãos num gesto de rendição.

— Tá bom, eu acredito — digo, cedendo à sinceridade dela. Claro que sei que uma promessa nunca a detém completamente. Nat pode não tentar me arrumar alguém de forma descarada, mas só precisa piscar aqueles cílios escuros dela para Damon e depois olhar para qualquer cara que estiver por perto, e Damon saberá na hora o que ela quer que ele faça.

Mas eu não preciso da ajuda deles. Não quero ficar com *ninguém*.

— Ah! — Natalie está com a cabeça enfiada no closet. — Este top é perfeito! — Ela se vira, exibindo um top preto largo com aberturas nos ombros. Na parte da frente está escrito: PECADORA. — Comprei na Hot Topic — ela conta, tirando do cabide.

Sem querer que a sessão de escolha de roupas se arraste por mais tempo, tiro minha camiseta e pego o top da mão dela.

— Sutiá preto — Nat comenta. — Boa escolha.

Enfio o top e me olho no espelho.

— Então? Fala aí — Nat pergunta, parada atrás de mim com um sorriso enorme. — Gostou, não gostou?

Dou um sorrisinho e me viro para ver como a barra da camiseta mal cobre o alto da minha cintura.

E então noto que nas costas está escrito SANTA.

— Tá — admito —, eu gostei. — Eu me viro e aponto para ela, séria. — Mas não o suficiente pra começar a atacar o seu closet, então não fique muito esperançosa. Tô satisfeita com minhas lindas blusinhas de abotoar, obrigada.

— Eu nunca disse que as suas roupas não eram lindas, Cam. — Nat sorri, estica a mão e estala a alça do sutiá nas minhas costas. — Você é sexy pra caramba todo dia, garota. Na boa, eu te traçava se não estivesse com Damon.

O meu queixo cai.

— Você é uma tarada, Nat!

— Eu sei — ela concorda enquanto me viro para o espelho, e posso ouvir o sorriso diabólico na sua voz. — Mas é verdade. Já te falei isso e não tava brincando.

Balanço a cabeça para ela, sorrio e pego a escova da penteadeira. Natalie já teve uma namorada quando Damon e ela terminaram por um curto período de tempo. Mas ela disse que era “louca demais por um pinto” (palavras dela, não minhas) para passar a vida com uma garota. Natalie não é uma vadia *de verdade* — ela parte a cara de quem chamá-la assim — mas é a ninfomaníaca dos sonhos de qualquer namorado, com certeza.

— Agora me deixa maquiarmos você — ela decide, me levando para o espelho.

— Não!

Natalie põe as mãos na cintura de violão e arregala os olhos, como se fosse minha mãe e eu tivesse acabado de dar uma resposta malcriada.

— Vai ser por bem ou por mal? — pergunta, me fuzilando com o olhar. Eu cedo e desabo na cadeira diante do espelho.

— Tanto faz — resmungo, levantando o queixo para lhe dar total acesso ao meu rosto, que acaba de se tornar sua tela. — Mas nada de olhos de guaxinim, tá?

Ela segura meu queixo com força.

— Agora, quieta — ordena, tentando não rir e parecer séria. — Uma artista — ela diz, com um sotaque dramático e um floreio da outra mão — precisa de silêncio para trabalhar! Onde acha que estarr, num salón de Detroit?

Quando Nat termina, estou igualzinha a ela. Exceto pela ausência dos peitões gigantes e o cabelo castanho e liso dela. Meu cabelo é o tipo de louro que algumas garotas pagam uma fortuna no salão de beleza para conseguir, e vai até o meio das minhas costas. Admito que tirei a sorte grande no quesito cabelo perfeito. Natalie disse que fica melhor solto e eu obedeci. Não tive escolha. Ela foi bem ameaçadora...

E ela não me deixou com cara de guaxinim, mas também não economizou na sombra escura para os olhos.

— Olhos escuros com cabelo louro — ela disse enquanto aplicava o rímel grosso e preto. — É sexy pra caramba. — E pelo jeito minhas sandálias *peep toe* também não serviam, porque ela me fez tirar e calçar um de seus pares de botas de salto fino, que aderem às pernas do meu jeans colado ao corpo.

— Você tá muito sexy, sua cachorra — Nat declara, me olhando de alto a baixo.

— E você me deve uma, por ter topado essa balada — digo.

— Há? *Eu* te devo uma? — Ela inclina a cabeça. — Não, querida, acho que não. Você vai acabar é me devendo uma antes do fim da noite, porque vai se divertir pra cacete, e vai implorar pra eu te levar lá mais vezes.

Eu brinco, fazendo uma careta, com os braços cruzados e o quadril virado para o lado.

— Duvido — respondo. — Mas vou te dar o benefício da dúvida e torcer pra me divertir pelo menos um pouco.

— Ótimo — conclui Nat, calçando as botas. — Agora vamos nessa; Damon tá esperando a gente.